



*A Trombeta escutai dos Luzitanos,  
E se rouca tocar... tremet Tyrannos.*

O TROMBETEIRO.

## A TROMBETA LUZITANA.

### O Parallelo Illuzorio.

O Ministro da Fazenda, na Sessão de Cortes de 28 do corrente, apresentou huma verba no orsamento, com o titulo de = *Ex-tincta Inquizição* = que encerrava huma despeza de dezoito contos e tantos mil reis, para pagamentos de ordenados aos ex-membros daquella detestavel *defunta*, que tantas lagrimas, e horror eustou ao mundo christão. O Congresso desaprovou com justiça aquella verba, em quanto aos que tinham beneficios, ou rendas com que podessem subsistir, visto não terem já que fazer; isto he, que encarcerar, que atormentar, que queimar, *et reliqua* pela gloriosa morte de sua *Santa Patrona*. “ Bem o haja o Congresso, dissemos nós, risque-se até se for possível o nome daquella *defunta*, da idéa não só dos Portuguezes, mas de todos os homens, e de todos os livros.”

Nisto estavamos muito contentes com a deliberação do Congresso, quando os malditos dez contos de réis, para a *cáfila espionca* nos vem deitar agoa na fervura, e nos fazem cahir as cargalhas do nariz! “ Estas, sem duvida já são outras Cortes dissemos, mui differentes daquellas, que ha bem poucos dias clamarão *in una voce*, que era necessario levantar huma horda de *espíões*, para esteio do systema Constitucional, e derão ao general em chefe Minis-

tro da Justiça, hum subsidio annual de dez contos de réis!!! Que differença, entre aquellas, e estas! Sim estas, cheias de hum nobre sentimento de humanidade, abominão, detestão huma instituição sanguinaria, que tem sido por seculos a deshonra e oprobrio do Christianismo, e o verdugo mais atroz da humanidade! O seu zelo, não sofre mesmo a idéa de que no seu seio se repita hum nome tão odioso, que faz ainda erriçar os cabellos, e estremecer as carnes de todo o homem que ama o homem! Porém, aquellas! aquellas, que illudidas, ou seduzidas por hum despota, por hum tyranno, fizeram a deshonorosa afronta á Liberdade do seu paiz da a associarem á mais infame, e depravada instituição que a maldade dos tyrannos tem inventado, para forçarem o homem a gemer, e devorar em silencio a afflictiva dôr que lhe arrancão os golpes de hum sceptro de ferro!! *Espíões!!!* que terrivel idéa!! que aviltamento da razão humana! que abominação! que horror.”

Nós confessamos que cahimos n'uma especie de estupidez, quando faziamos este illuzorio parallelo, desenvolvendo-se nos vivas imagens, que erão outros tantos golpes, que nos retalhãvã o coração. Afigurava-se nos ver hum virtuozo Cidadão, despiendo o seu vestido, para cubrir a nudez de hum infeliz, que foi no dia seguinte denuncia-lo por inimigo da cauza!! Pare-



cia-nos ver huma honesta familia banhada em lagrimas ao arrebatarem-lhe o seu cheffe pelo meio da noite, pela denuncia que delle deu o amigo, que acabava nessa mesma noite de ceiar á sua meza!!! Apresentava-se-nos hum infeliz, oprimido pelas injustiças de hum depositario de poder, hir entranhar-se n'uma profunda caverna, para desasfogar ali a sua dor, pelas lagrimas e suspiros, que fora daquelle deserto logar serião bastantes para o levarem ao fundo de huma masmorra!! N'uma palavra, parecia-nos ver a desconfiança, a tristeza, e a palidéz impressas por todos os semblantes! os homens fugindo huns dos outros, á semilhança dos animaes ferozes, as sociedades dezertas! as portas fechadas! o doce titulo de amigo, desconhecido! em fim os pais a temerem-se dos filhos!

No meio de todo este assalto de medonhas idéas, nos transportava o pensamento ao salão das Cortes, onde ouviamos os mesmos authores destes males, desta odiosa perseguição, fallando em abono da Liberdade, e dos mais sagrados direitos do Homem!! mas cujas vozes se apagávão no ar apenas proferidas! sem que ao menos chegassem a retumbar na abóboda! Ali, ali mesmo via-mos os traidores olhos da suspeita iuterpretando os gestos, e procurando penetrar até ao fundo dos corações! " Grande Deus! dizia o nosso, repetindo aquelles dous versos que Racine poem na boca de Junia, na tragedia de = Britanico:

*Combien tout : ce qu'on dit est loin de ce qu'on pense !  
Que la bouche, et le cœur ont peu d'intelligence !*

Do sentir, o fallar quanto está longe!  
Da bôca o coração quanto he diverso!

Taes erão as tristes meditações a que nos demos, por causa da *defunta*, que nos veio recordar os *espiões*. O mais he, que estivemos, durante todo este pensamentismo, na illuzão de que se havião ha poucos dias renovado as Cortes! Porém continuando a ler a Sessão, fomos encontrando os nomes, e discursos dos mesmos Legisladores que decretarão a criação dos = *Espiões* = na prezença do proprio tyranno que os exigia, com o appenso dos concedidos dez contos!!! Reconhecendo então o nosso erro, não podêmos eximir-nos de exclamar: são elles! são elles! são os mesmos!!!

### Qual he o melhor Governo!

Desde que os homens principiárão a civilisar-se, não hão cessado até hoje de procurar = Qual he o melhor Governo? = O Sabio para quem as instituições humanas são quasi sempre as mesmas responde sem receio: " He aquelle que menos injustiças commeter. Esta opinião he na verdade a mais conforme á razão; porque os homens são em todos os tempos, e por toda a parte os mesmos: as mesmas paixões; os mesmos caprixos, as mesmas fraquezas, em fim, só seus semblantes diversificação. Sempre empenhados em serem bem governados, nós os vemos por toda a parte lutando constantemente com seus governantes, seja qual for o systema de governo. Em Constantinopla, por exemplo, os vemos a cada instante promptos a rebellar-se contra o governante que não preenche seus dezejões, ou seus caprixos, na esperança de hum melhor os poder preencher. Na Inglaterra, paiz livre, onde elles dizem que estão no gôzo de seus direitos, os vemos muitas vezes entregues a commoções perigosas, ameaçando com terrivel catadura, o governo que na vespera elogiavão. Acolá, dirão que he a escravidão quem os faz rebelar; aqui, dir-se-ha que he a liberdade; mas temos os mesmos effeitos, ainda que as causas sejam inteiramente oppostas.

Todos os Governos, qualquer que seja a sua forma, tem o mesmo objecto: governar bem. Se este objecto se não preenche, tão máo, e repreensivel he o *Divan* como o *Parlamento*. Ha com tudo a differença, de que naquelle soffre-se, ou tolera-se com mais resignação huma injustiça, do que neste se soffre, ou tolera hum abuso. Quanto mais ampla he a liberdade de que o homem gôsa, tanto maior he o seu orgulho, e por consequencia tanto menor, e incapaz de soffrimento he o seu espirito. Acolá soffre-se, porque o systema de governo he firmada n'uma sugeição, quasi sem limites: aqui não se soffre, porque a base do governo he o direito do homem; porém tanto n'nima, como n'outra parte se commettem injustiças e erros, e em ambas ellas, as injustiças, e os erros são desagradaveis aos Povos. O Turco, geme em silencio, porque se persuade que he esse o seu dever; o Inglez desespera, enfurecesse, e revolta-se á menor injusti-



ça que se lhe faça; por que sabe que he elle o Soberano.

Nós vimos os Romanos gosarem tranquilllos as docuras do governo de *Numa*; sempre contentes e sугeitos ao poder de seus Reis aquelle austero Povo viveu o reinado do *soberbo Tarquinio* na persuasão de que outro melhor governo não poderia existir. Elles gosavão a verdadeira liberdade civil de que o homem social pode ser possuidor, ao abrigo de fataes commoções populares, a quem o pretexto de huma desenfreada liberdade, ou antes licença amotina, e rebella a todo o instante. *Tarquinio* mesmo não era hum tyranno; e se huma abjecta paixão não houvera arrastrado seu filho a commeter hum adulterio, nem *Tarquinio* haveria perdido o Throno, nem a Republica nasceria. Que extraordinario resultado de hum delicto particular! o crime, que a Lei era bastante para punir, servio de pretexto para se derribar o systema de governo que havia creado Roma, e que ja a havia feito poderosa, e respeitada de seus vizinhos.

Que fraqueza, ou antes injustiça dos homens! Huma serie nunca interrompida de prosperidades, que a sabedoria e patriotismo de seus Monarchas havião promovido, não foi bastante para contra-balançar hum adulterio!! Este acontecimento não deveria nunca originar huma explosão de tal natureza; mas o odio, consagrado pelos *Brutos* á Realeza, se aproveitou deile para a destruir. Embóra os seus apologistas o revistão de hum falso-heroico, e nos queirão apresentar *Bruto* como hum libertador, conjurando seus amigos, com o ensanguentado punhal na mão, á vista do cadaver de *Lucrecia*, a que derribassem a Realeza, e lhe substituíssem hum governo popular; porém aos olhos do meditador imparcial, *Bruto* uão foi mais que hum traidor ingrato a essa mesma realeza, que o havia accumulado de bens; e que o alimentava no seu seio.

A Republica instalou-se: o Povo institue-se Soberano, e Roma muda de aspecto. Mas se seguimos o fio de seus acontecimentos, e analysando-os, formamos hum paralelo entre este novo estado, e o governo dos Reis, que differença? No imperio destes a grandeza romana se desenvolvia serena, e se encaminhava magestosa pela mesma estrada porque depois a conduzirão. O verdadeiro amor da Patria (1) livre

de sinistras, e particulares intenções brilhava no coração romano, e Roma não era ainda o fóço das facções. Porém, naquelle, quantas calamidades, quantos horrores não custou o progresso desses triunfos com que espantarão o mundo?! Roma he livre! o Povo he Soberano” clama-va-se na Tribuna; mas o Romano era escravo disse mesmo que o proferia; e toda a vez que intentava uzar dessa Soberania, com que o fascinavão, se via na necessidade de a obter primeiro á ponta da espada, ou do punhal no seio da mesma Roma! Sempre turbulenta, e sempre rebellada, a sua grandeza existia fóra de seus muros! e mais servia de patrimonio a seus soldados, que de proveito a seus Cidadãos. Em quanto aquelles conquistavão o mundo para seus Consules, e Generaes, se degolavão estes para se subtrahirem ao jugo de seus senhores, ou para obterem huma geira de terra! Que regimen! que Liberdade!

A Liberdade era pois hum fantasma, de que só o Senado, e os Generaes tiravão as vantagens, em quanto o Povo animado de hum fanatismo illuzorio, se degolava mutuamente em nome della! O nome de Rei, era odiado, mas o Dictador, mais absoluto do que os Reis, era obedecido com gosto, e promptidão. Este prejuizo, ou antes esta demencia devia acabar hum dia, e o Romano cahir n'uma escravidão descuberta, que tantas vezes se procurava. Em fim, a Dictadura procreou o Imperio, e a Republica morreo.

Concluiremos por tanto, que a bondade de hum governo, não consiste no seu systema, qualquer que elle seja, mas sim na sabedoria e justiça daquelle, ou daquelles que governão. O bem, e o mal, ainda que sejam revestidos de disformes apparencias, nunca deixarão por isso de ser absolutamente distinctos. Aquelle será sempre reconhecido debaixo das mais hediondas vestes com que se queira desfigurallo: este, ainda que seja adornado das mais pomposas galas, só poderá illudir momentaneamente. Desenganem-se pois os homens, que em quanto a sua essencia for a mesma que tem sido desde a sua criação, escuzão de inventar systemas, por

das estas nossas idéas tendo consultado bem os meliores historiadores, antigos e modernos. *Montesquieu*, que nunca poderá passar por hum partidista, he deste mesmo sentimento, que elle muito bem desenvolve no seu tratado da — *Origine de la grandeur, et decadence des Romains.*

(1) O Publico judicioso não taxará de exagera,



que debaixo de qualquer delles hão de ser governados por homens, que em todos os tempos e systemas hão de ser dominados pelas mesmas paixões, e hão de commetter as mesmas injustiças. Repetiremos: Qual he o melhor Governo? O que for menos injusto.

*Continuado de N.º 30.*

Tudo pois nos leva a crer, que o Brazil será ainda hum dia, com o andar dos tempos, o mais florescente Imperio do Universo. Elle principia a erguer-se n'uma época, em que os direitos do homem social são por elle reconhecidos, reivindicados. Se hum Código de Leis tão rasoaveis como dignas da humanidade, for a primeira pedra em que assente o magestoso edificio que se ergue; a Europa sedo sentirá huma numerosa emigração. O Brazil acolherá então no seu seio esses innumeraveis hospedes, que abandonando hum paiz ingrato, onde só a miseria se lhes não disputava, lhe levarão contentes, a sua industria, o seu commercio, as suas artes, as suas manufacturas, e as suas sciencias. Sim, a Europa verá hum dia com espanto, a próle desse Fundador do novo Imperio, elevada a hum gráo de poder, e grandeza a que poucos Monarchas se hão elevado. Ella terá de pagar ainda bem caro as suas descobertas ao futuro Rei dos mares! e o seu pavilhão será encontrado, e temido por toda a parte onde houver agoa salgada.

Na verdade, nunca Imperio algum nasceu debaixo de huma tão feliz estrella. A Europa enpobrecida, caminhando a longos passos para a sua decrepitude, convulsa, e ameaçada por dissensões intestinas, e guerras assoladoras, vai, pela ordem natural das cousas, enfermar no leito da velhice, e recordar apenas, as douradas épocas de sua passada prosperidade. Lançando então os olhos para além das agoas, verá o delicioso paiz que dominou, habitado por seus numerosos filhos, asse-

nando ainda para seus irmãos, e convidando-os a hir gosar as docuras, que nos lares paternos desconhecem. Este convite não será inutil, porque o bem não he facilmente regeitado; e a nosso ver, o Brazil será, hum dia o paiz natural dos Portuguezes. Só dessa sorte elles poderão ser verdadeiramente independentes grandes e temiveis.

Portugal, pela sua pequenez, e situação nunca poderá melhorar de condicção, mas só sim peorar, como sujeito a ser preza de qualquer ambicioso. Visinho de huma Potencia, cujos constantes esforços hão sido sempre para o subjugar não tem hum só palmo de terra para onde possa estender-se. O seu estado prezente, será sempre o mesmo que tem sido ha seculos. Sempre dependente de duas Potencias, interessadas ambas em conservar lhe a sua existencia nacional, não deixará nunca de receber a Lei, que qualquer das duas pender impor-lhe.

O Brazil pelo contrario, grande em si mesmo, sem inimigos, e sem precisões, vai de dia em dia subindo pela escála da sua opolencia, esquecendo-se do passado, e occupando-se só do futuro. Quando nós reconciliados fraternalmente com elle, reconhecer-mos os nossos verdadeiros interesses; saberemos então avaliar os riscos a que os expozemos, e sentiremos melhor a necessidade de conservar os laços interessantes que a elle nos prendião, e dos quaes derivou nossa passada grandeza.

**AVISO.**

Sahio á Luz a Segunda Assembléa da Conversação das Senhoras, na Salla das vezitas antes do Xá; publicada por José Daniel Rodrigues da Costa. Leva no fim 36 Decimas que fez certo Cavalheiro ao seu mesmo Nariz, por ser muito grande: São divertidas neste genero. Vende-se esta obra nas lojas do costume por 120 réis.